

Boletim Informativo da Casa do Artista



Editorial

Volume VIII, Edição II

Setembro de 2016

Homenagem à atriz Anna Paula



Nesta edição:

Nossos Corpos	2
BRAVO! Carmen Dolores	3
Solidão e Egoísmo	5
Mensagem da SPA para o Dia Mundial da Música	6
A Guitarra Portuguesa	7
“Aqui não é permitido envelhecer”	8
Cantinho do Amor	12
Os maestros que conheci	14
Factos e Ficcionismos	15

ANNA PAULA

Uma vida dedicada à arte da representação, assim se pode definir o percurso da vida de Anna Paula. Nascida em 1929, desde cedo começou a trabalhar como atriz, primeiro no cinema, onde participou de filmes como “Sol e Toiros”, “O Costa de África”, “Parabéns Sr. Vicente”, “O Noivo das Caldas” etc... Interrompeu a carreira no cinema para ingressar na Escola de Teatro do Conservatório Nacional de Lisboa onde conclui o curso com elevada distinção. Terminado o curso em 1956, inicia-se uma fase de intenso trabalho na Televisão Portuguesa que nessa época tinha uma importante programação dedicada ao teatro. Em cinco anos representou 72 papéis em peças de teatro transmitidas pela RTP. Estreia em 1961 no Teatro Nacional D. Maria II na peça “As Árvores Morrem de Pé” contracenando com Palmira Bastos. Integrou diversas companhias de teatro antes de entrar para o TEC – Teatro Experimental de Cascais de Carlos Avilez onde trabalhou por mais de 20 anos, tendo subido pela última vez ao palco na peça “O Paraíso” de Miguel Torga. Foi, também, professora da Escola Superior de Teatro e Cinema onde ingressou em 1987 tendo lecionado até atingir a idade da aposentadoria compulsória. Participou em novelas de sucesso na televisão, entre as quais “Vila Faia”. Em janeiro de 2015 decide ir viver para a Casa do Artista, decisão essa que contou com o apoio integral dos filhos. Aí viveu, rodeada de carinho e amizade, até à sua morte ocorrida em Agosto de 2016. Teve uma vida repleta de realizações como pessoa e atriz, apesar de ter sofrido, também, algumas contrariedades, mas foi a vida que quis viver.

Gilberto Zeiger

Nossos Corpos

Nossos corpos
Cingidos um ao outro
Na dimensão diabólica dos sentidos
Integram-se
Desintegram-se
E voltam a integrar-se
No odor sexual dos momentos
E,
No pasmo sem tempo,
Prá além da matéria transpirada,
Nossos espíritos feitos – Um –
Deambulam extasiados
Nos rituais sequiosos dos movimentos
Amor
Paixão
Loucura
Trilogia imersa na improvisação
Natural
Animalesca
Faz da nossa ansia insaciada
A moral imoral desejada
Somos sãos
Logo loucos

Autor: Joaquim Samora

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

BRAVO! Carmen Dolores

Educada e bem falante
Suas palavras são trovas
Alta, magra e elegante
Menina Avenidas Novas

Esta caneta não pára
Escreve futuro e passado
Leva com ovos na cara
Duma “Vizinha do Lado”

Há filmagens que alarido
Lá vai a Senhora Actriz
Victor foi o seu marido
Até viveu em Paris

Foi um grande companheiro
Cada um segue o seu trilho
Casada com um engenheiro
Felicidades a seu filho

Trabalha com o coração
Representa sem igual
Novelas na Televisão
E peças no Nacional

Os estúdios são um demónio
Confusão naquele momento
Teve um irmão, o António
Actor António Sarmento

Esta grande Senhora
Não foi actriz de revista
Foi cá nossa Directora
Cá na “Casa do Artista”.

Com tristeza e alegria
Isto não é só falar
Rainha da Poesia
Princesa a representar

Até foi condecorada
E foi numa altura certa
Esta actriz é medalhada
Medalhada em cena aberta

Nem poeta nem escritor
Carmen actriz e escritora
Sou seu admirador
Desta actriz, desta Senhora

Sua história é muito boa
É uma história sem igual
Pertence à nossa Lisboa
É Carmen de Portugal

Eu não sei fazer melhor
Eu nisto sou pequenino
Eu podia ser maior
Não sou Couto, sou Coutinho

Mas que grande despautério
Diga lá eu o que diga
Eu sei que do Mário Sérgio
A Carmen foi muito amiga

Disto eu tenho a certeza
Diga eu o que disser
Esta Artista Portuguesa
É uma grande Mulher

Homenagem aos actores
Vou terminar de mansinho
Parabéns Carmen Dolores
Um beijo; Júlio Coutinho

Autor: Júlio Coutinho

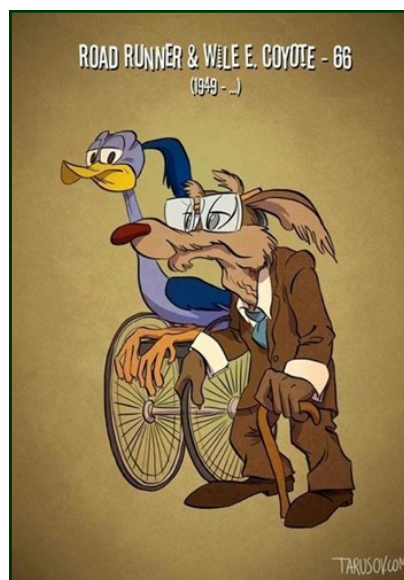
É nervoso
 Quando vem, dá-me um tal frenesim
 Que até choro! Que raiva que sinto
 É no olho, é aqui é mesmo aqui!
 É aqui que esse vil mais atua
 E por mais que me esforce é sem querer
 No teatro, em casa ou na rua
 Sinto o olho a tremer a tremer!
 Ainda hoje embarquei no elétrico
 E em frente um tipo zarolho
 De monóculo com um ar muito trético
 Quando o vi deu-me o tremolho no olho
 O sujeito com sorriso me arrisca
 E a piscar os dois olhos se espreme
 Quanto mais o seu olho me pisca
 Mais me zango e meu olho me treme
 Fiquei logo da cor do carmim
 Quando o tipo sem mais empecilho
 Vem sentar-se a correr junto a mim
 Com o olho a tremer num sarilho
 Ia o carro a correr a correr
 O sujeito a falar a falar
 O meu olho a tremer a tremer
 A tremer abrir e a fechar

De repente ouvi dizer em voz alta
 Porque é tão arisca?
 Se ao que digo não quer responder
 Porque o seu olho me pisca?
 Irritada com o próprio defeito
 Sem receio de armar um restolho
 Eu digo ao tipo
 Eu estou no meu direito
 De fechar ou abrir o meu olho
 Quem não deve do mundo não teme
 E por isso a ninguém a dê cuidado
 Se o meu olho me pisca ou me treme
 Ou se o trago aberto ou fechado
 Nada tem que meter o nariz no meu olho
 Quem é tão zarolho
 E se julga que é chamariz
 Enganou-se é nervoso no olho
 Levantou-se o sujeito a olhar
 E respondeu com toda a finura
 Quem tem o olho de abrir e fechar
 Tem um olho a pedir fechadura.

Repertório: Linita Marques

**Este pessoal do meu tempo, também
 envelheceu!**

**Os nossos favoritos são agora também
 idosos**



SOLIDÃO E EGOÍSMO

(6-5-2013)

Na minha vida nunca soube o que é a solidão, e muito menos o tédio.

Sempre descobri interesses, e coisas para fazer – o tempo nunca chegava para fazer tudo aquilo que queria fazer.

Chega a idade Sênior, as energias não são as mesmas, mas a vontade de fazer, ser útil, continua lá.

Reformada, a viver só, sem trabalho remunerado a situação interior complica-se. Não sei dar respostas a muitas perguntas que faço.

Estou triste porque não tenho trabalho?

Estou triste porque não vejo prospetivas?

Estou triste porque estou só?

Será que a solidão se apropriou de mim?

Chego a conclusão que não é nada disso.

A solidão é um estado interior, não tem nada a ver com aquilo que nos rodeia.

O que pesa e transtorna é a falta de carinho e o apoio das pessoas que nós amamos.

O que destrói um ser humano num lar, não é ele estar num lar, mas sim o ser esquecido pelos seus entes queridos.

O egoísmo cega as pessoas, não conseguem pôr-se no papel do outro.

O egoísmo é o “pecado” mais difícil de extirpar e se calhar nunca se consegue extirpar, porque, como cega, o atingido não consegue analisar o seu comportamento.

Essa solidão – que não o é –

Essa tristeza é só e exclusivamente: falta de amor.

P.S. Aconselho a leitura do livro de Zulma Reyo “Na ausência de amor”.

Io Appolloni



MENSAGEM DA SPA PARA O DIA MUNDIAL DA MÚSICA

Author, Author...!!!

Pois parece um crime começar uma homenagem a um evento tão interessante como o dia da Música, ao celebrar a música em si, a dos intérpretes sem dó nem piedade, a tornada ré e refém pelos divulgadores ditos DJ's e aparecer este apelo em inglês ou em português arcaico.

Recorro à memória do primeiro espectáculo que recordo para, no final, ficar surpreendido pelo apelo do público para a presença do autor em palco: aí se vislumbrou uma personagem que era a causa e a razão daquele sarau, daquela gala, daquele êxtase compartilhado pelos intérpretes e pelo público, entidade que pairava afinal sobre os executantes e, perdoe-se a similitude com os fuzilamentos, os executados.

Esse tal de autor, ou autora, que aparecem por instantes como na moda, na coreografia ou nos êxitos desportivos e que pairam, no caso da Música, por vezes já sem a capacidade de eles próprios extrapolarem a sua criação, por limitações físicas, psicológicas ou por mera opção, não devem ser esquecidos no vortex das futilidades, condecorações ou cruéis crucificações.

É caso para lembrar o apelo de proporções bíblicas “Pai, Pai, porque me abandonaste...?” e contemplar o isolamento, a indiferença e o estupro causado ao pobre do Autor, que hoje assiste ao derradeiro soar da sua obra em tímpanos alheios, como quem rouba o fruto sagrado mas não proibido da Árvore da Sabedoria qual serpente insidiosa que se apropria do Som e da Palavra.

Em tempos que já lá vão tivemos a tradição oral, depois a pedra, o pergaminho e a canva, a cifra, a pauta e a galáxia Gutenberg como a fotocópia cedeu à Web page, do binário, do bit ao gigabite: tudo isto é o som de um Universo que rima em não ir a lado nenhum. Há na criação uma transcendência, um Som, uma vibração que tantos procuram numa Sintonia que muitos quiseram Sinfonia.

Quem o criou? O Author, que um dia, uma Tarde/Noite aparecerá para receber os nossos aplausos pela Música que fertiliza os nossos ouvidos: Nós próprios!

Rui Reininho

A Guitarra Portuguesa

Neste volume do “Boletim Informativo da Casa do Artista” apresentamos o capítulo sobre “A Guitarra e o Fado”



Falar da Guitarra Portuguesa é também falar do Fado. A Guitarra é para o Fado um instrumento dialogante, dando

resposta e continuidade ao cantor nos momentos em que este esteja calado. É, também por isso, o instrumento acompanhante que desafia o cantor, pois no verdadeiro Fado, a Guitarra também deve “cantar”.

Em Coimbra, a forma de tocar é arpejada à antiga. Já em Lisboa, o Fado estila-se e, portanto, a Guitarra é tocada de forma a proporcionar e incentivar qualquer forma, no Fado, sobretudo no Fado corrido, canta-se o texto e não a música e as voltas do estilo tem necessariamente a ver com a letra. Isto deve-se ao facto do Fado ser uma herança dos contadores de histórias, pois o Fado só é Fado quando conta uma história. O Fado tem a ver com o destino das pessoas e por isso não se fazem fados dedicados exclusivamente a coisas (objetos), à exceção, talvez, da Guitarra, pois é o único instrumento que acompanha o destino, o sentir da alma portuguesa.

(Bibliografia: artigo retirado de um suplemento sobre COISAS PORTUGUESAS)

Então, ... Em frente!

*Não haverá força capaz de deter quem sonha,
quem ainda constrói sobre as cinzas, quem ama,
quem espera da vida o momento mágico de uma ilusão,
quem não esquece que o tempo passou...*

*Portanto, sonha, constrói, ama, espera, e ...
não permitas que te chamem velho!!*

“Aqui não é permitido envelhecer!”



A Casa do Artista é uma casa pensada de e para artistas que numa sociedade com poucos apoios à cultura se tornou fundamental. Em 1982, o falecido ator Armando Cortez envolveu-se intensamente no projeto Casa do Artista em conjunto com outros colegas seus como Raul Solnado que trouxe do Brasil a ideia, o sonho. A 11 de Setembro de 1999 viria a ser inaugurada a Casa que imaginaram.

“O tempo obrigou a que uma obra começada por relativamente novos, para relativamente velhos, fosse acabada por velhos para relativamente novos! Porque instituímos como lema desta casa: “Aqui não é permitido envelhecer!” – Armando Cortez no dia em que inaugurou a Casa do Artista.

Foram anos de luta, investimento pessoal e muita pesquisa para que o sonho passasse à sua forma física. Aqueles que hoje lutam para manter este sonho vivo não esquecem quem dele fez uma nova realidade para os artistas em Portugal.

Com as suas instalações em Carnide, esta Casa tornou-se o porto de abrigo de muitos que se sentiam sozinhos. Todos com a liberdade de poderem ir a casa da sua família, estão na Casa o tempo que quiserem. Têm as suas atividades e ali travam muitas amizades de convivência diária e com percursos ligados às artes. Uns atores, outros cantores, costureiras e senhores da rádio, ali há espaço para quem quiser desde que haja vaga o que por vezes é um problema. Com listas de espera muito extensas a Casa do Artista debate-se com a vontade de acolher mais mas, também com a incapacidade financeira e de espaço para novos habitantes.



Este lar acolhe as rugas, as doenças, as histórias e cuida de todos. Todas as semanas vem a cabeleireira embelezar as residentes, têm um animador sociocultural que vai animando e dinamizando o dia-a-dia da Casa.

Os residentes podem sair quando desejam e ir a casa dos familiares quando quiserem desde que informem previamente. Não estão de forma alguma condicionados àquele espaço, salvo se tiverem alguma limitação de ordem física. Desta forma têm todos os cuidados que precisam mas mantêm a sua liberdade e individualidade.

Luís Aleluia, o eterno “Tonecas”, um voluntário determinado

Faz parte da equipa de direção da Casa do Artista há 8 anos. Conhecemo-lo quando interpretava o “Menino Tonecas” e o público apaixonou-se por ele.

Hoje, Luís Aleluia, para além de ator, dedica o seu tempo a um projeto que lhe é muito querido e a sua presença para os residentes é muito importante. Um homem que mantém a esperança de que um dia os artistas e a arte em Portugal seja mais valorizada e se mantenha com um papel política e socialmente ativo.

“Nenhum artista é bem tratado em Portugal.” – disse Luís Aleluia em relação aos artistas e ao fim das suas vidas.

Para o ator isto deve-se à falta de caracterização da profissão. São pessoas com espíritos demasiado livres em relação ao aprisionamento político e à capacidade de controlo ou descontrolo de uma sociedade e isso causa problemas, segundo Luís Aleluia.

Para ele a arte acaba por ser uma droga e por essa razão a solidão e a ausência dos palcos ser tão dramática para os artistas numa altura mais vulnerável das suas vidas.

“Os artistas são carentes de afeto” – Luís Aleluia fala sobre o fim das carreiras dos artistas.

A arte, o foco da luz, os fãs, os aplausos são integrantes de uma grande parte da vida de um artista. Para eles, a sua arte é como um filho e o fim de uma carreira equivale à perda de um ente querido.

97 anos, um facebook e o dia-a-dia na Casa do Artista

Maria Carolina Remartinez Quilez de Freitas França, mais conhecida por Nini, é também residente.

Começou a cantar na rádio com a sua irmã aos 19 anos. Nini diz ser muito acanhada e antes de cantar sofria com muitos nervos mas recorda com saudade esses tempos.

Hoje tem 97 anos mas não se deixa levar pela idade. Todos os dias se levanta para mais um dia, uns melhores que outros pois a idade já lhe vai pesando. Convive, tem visitas de vez em quando e é muito acarinhada por todos. Não deixa de ir ao cabeleireiro todas as semanas e gosta de estar sempre arranjada. Costuma até usar uns óculos escuros pouco comuns na sua idade. Perto de um século de vida são muitas as histórias que guarda e vai contando, gosta de falar e desabafar no seu facebook. Sim, esta antiga pianista e cantora tem o seu facebook e lá vai mexendo, vendo as novidades e escrevendo os seus desabafos.

Há alturas que tem dúvidas e não percebe porque é que o computador faz isto ou aquilo mas lá pede ajuda e num instante aprende.

Engane-se aquele que achar que a idade é impedimento do que quer que seja. Nini apenas se ressentia fisicamente com a idade.

“A internet abriu-me muito a cabeça” – conta Nini sobre a sua descoberta da tecnologia.

Nini sente que as novas tecnologias têm feito bem a muita gente e aprendeu muito com elas. Vê as coisas de forma diferente

Há 10 anos na Casa do Artista, não se sente sozinha, e afirma que cuidam mais dos residentes do que deles próprios. Não podendo estar sozinha em casa, Nini considera a sua vivência ali muito positiva.

Nini é um espírito doce e jovem que não perde a vontade de aprender e sonhar. As rugas não a incomodam e o tempo a passar é sempre bem aproveitado.

Quem vive e que histórias se contam?

Começa um novo dia e os artistas não têm hora de alvorada. Há quem acorde mais cedo, outros mais tarde e os pequenos-almoços aguardam-nos. Lá convivem uns com os outros e vão encontrando uma ou outra cara conhecida.

“Há dias que são mais difíceis” – conta Célia de Sousa, uma antiga atriz de teatro, televisão e cinema.

Terminou a carreira cedo para tomar conta da filha. Teve de escolher na altura e com uma filha para criar, o teatro ficou para trás por não haver dinheiro para as necessidades. Célia não deixa de recordar os bons momentos, os aplausos de que tem saudades, a adrenalina e paixão que tinha em interpretar novas personagens. Hoje, como residente sente-se bem ali, rodeada de artistas. Há dias que tem mais dores e outros menos.



Io Apolloni também por lá passou uma temporada por estar doente. Ao longo da sua vida passou por momentos difíceis como o cancro do seu filho. Também o envelhecimento lhe custou mas Io não se deixa abater. Mantém-se fisicamente ativa quando pode e todos os dias se arranjava, mesmo na Casa do Artista, quando em recuperação.

Na Casa existem artistas de palco e os artistas que tornam tudo possível. Isabel Magro é um desses exemplos. Nunca pensou ser costureira mas aos 50 anos foi parar ao teatro e a fazer belos fatos cheios de brilho, lantejoulas e tudo para brilhar.

“A vedeta dá a cara, a costureira não. Está nos bastidores.” – afirmou Isabel Magro.

Isabel não se sente incomodada com a idade, sente que viveu e por essa razão sente-se feliz.

Ali fez amizades e ajudou aqueles que sentia precisarem da sua ajuda mantendo o espírito de companheirismo que é transmitido entre artistas.

Afonso Henriques e Lila são uma história de amor, uma história de encantar da Casa do Artista. Afonso foi radialista da emissora nacional e dedica-se à escrita com um livro publicado e outro ainda em progresso. Vive com a sua mulher na Casa onde encontrou o apoio de que precisava porque já não se sentiam capazes de viver na sua casa e cuidar dela. Lila tinha algumas dúvidas em ir para a Casa pois receava a perda da sua liberdade, algo que não aconteceu e hoje não se arrepende de ter aceitado ser uma das residentes. Continuam a dar beijinhos como dois namorados e são acima de tudo amigos e companheiros.

Os espíritos da arte são livres e as suas histórias entrelaçam-se e completam-se numa saudade comum. Estes artistas ainda sonham e assim querem continuar porque “não é permitido envelhecer”.

O sonho e a diferença são coisas que este projeto trouxe. O seu sucesso entre residentes e familiares e o respeito pela arte e cultura é a prova viva de que são necessários mais espaços assim. Mais sonhos e também mais realidades positivas.

Artigo escrito por Marta Costa (aluna da Escola Superior de Comunicação Social, da licenciatura de Jornalismo).

Bibliografia: <http://begin.media/?articles=aqui-nao-e-permitido-envelhecer#contributions-confirm>

Cantinho do Amor

Da janela do meu “cantinho” espreito a paisagem que a natureza nos oferece! E que oferta!
...

Raios de sol espreitando atrevidamente entre as nuvens convidam-nos para um encontro a dois! ...

Não me faça rogada! O conforto do sol, a tranquilidade do ambiente, a paisagem verde faz-nos sentir a vida a palpitar à nossa volta.

Também à nossa volta os pássaros, companheiros de viagem, fazem pela vida, esgravatando na luta pela existência.

Ao longe, o mar espreguiça-se voluptuosamente na areia, espumando irrequieto num sombreado verde e azul ondulante...

E enfim, é a vida em todo o seu esplendor! Há que aproveitá-la e desfrutá-la! E a completar este admirável ambiente surge a poesia indispensável para uns momentos de tranquilidade e meditação... Nada melhor que completá-los com um poema cheio de lirismo.

Eu ontem passei o dia
Ouvindo o que o mar dizia.

Chorámos, rimos, cantámos.
Falou-me do seu destino,
Do seu fado...

Depois, para se alegrar,
Ergue-se e bailando, e rindo,
Pôs-se a cantar
Um canto molhado e lindo!

O seu hálito perfuma –
E o seu perfume faz mal!
Deserto de água sem fim ...

Ó sepultura da minha raça,
Quando me guardas a mim? ...



Ele afastou-se calado
 Eu afastei-me mais triste,
 Mais doente, mais cansado...

Ao longe, o sol, na agonia
 De roxo as águas tingia.

Voz do mar misteriosa;
 Voz do amor e da verdade!
 - Ó voz moribunda e doce
 Da minha grande saudade!
 Voz amarga de quem fica.
 Trémula voz de quem parte.....

E os poetas a cantar
 São ecos da voz do mar! ...

António Botto

Ora aí está uma boa receita para a vida. Amor, tranquilidade, meditação, força de viver e uma boa dose de poesia. Ingredientes indispensáveis a uma boa e saudável vivência. Estamos de acordo? A receita aí está! Porque não segui-la? O conselho fica como um desafio...

JF

És tu a mesma de que fala a História?
 Eu quero ver-te. Aonde é que estás, aonde?
 Não sei quem és, perdi-te de memória.
 Diz-me, aonde é que o teu perfil se esconde?
 Ó Lisboa das Naus, cheia de glória,
 Ó Lisboa das Crónicas, responde!
 E carregadas vinham almadias
 Com noz, pimenta e mais especiarias...



Poemas de António Nobre, do livro “À LISBOA DAS NAUS, CHEIA DE GLÓRIA”

Padrão dos Descobrimentos

Os maestros que conheci

Maestro José Atalaia

Fui consultar na internet o perfil deste maestro e fiquei estupefacta. Portanto venho falar desse homem que eu via como um jovem muito interessado pela música clássica.

Quando ia à discoteca buscar discos era sempre do melhor em termos de orquestra, etc...

Na Emissora Nacional apresentou vários projetos que foram aceites e fez uma carreira brilhantíssima.

Tinha umas emissões semanais nas escolas e assim foi interessando os alunos porque era um professor fantástico e a rádio contribuiu muitíssimo para a educação dos ouvintes.

Tirei dos apontamentos que vi na internet, uma carta escrita por uma jovem aluna do maestro José Atalaia.

22 de Julho de 2010

Boa tarde: Foi na escola Filipa de Vilhena que tive o meu primeiro encontro consigo, julgando ser uma seca.

Levei livros para ler. Não abri nenhum! Fiquei encantada quando ouvi falar pela primeira vez em Beethoven.

Preciso ir a Fafe ver a sua fundação. Já falei ao meu professor para falar consigo.

Um abraço, Isabel Alves

Agora as minhas notas finais:

Há talvez 15 anos que não sei nada dele, mas eu tive uma casinha na Caparica vários anos e o Atalaia morava num andar junto à praia. Pessoa muito simpática e bom camarada. Tinha uma caravana e gostava de ir com ela a qualquer lado. Houve uma ocasião que chegou a tê-la uns dias na Rua da Emissora Nacional, que funcionava na Rua do Quelhas 2.

Em pleno Inverno era normal vê-lo no mar a tomar banho, sendo o único lá. Que saudades eu tenho da praia e do mar. É triste para mim não poder estar junto ao mar, e estar horas na praia, aproveitando umas das poucas coisas que me deixam contente.

Quanto ao José Atalaia gostava de o voltar a ver e dar-lhe um grande abraço amigo.

Nini Remartinez

REALIDADE E FICCIONISMOS

Afonso Henriques Ferreira

Como a minha memória não olvida coices, não dá a outra face, não é bosque de árvores de sândalo, mas pena de gavião em avoos sobre retoíço de mulas, não perdoo festins de caçoila maccartista, nem o acto-opereta “Globos de Ouro”, dislexia a inscrever no memorial dos insólitos, letras de lava, como Candid quando, na crista do maremoto, aportou aos escombros de Lisboa e se lhe deparou a Inquisição, autos de fé no Terreiro do Paço e no largo de S. Domingos, cristãos a lavarem pecados de fabrico residual, motivos a ira do divino.

Que o acto Soares-Carlucci --- encenação Pinto Balsemão assumida pela SIC, a divagar por cabo coaxial, fibra óptica, via-satélite e, por canal cotangente, a alertar Hiperbóreos nos bordos da Via Láctea a vigiarem-nos as encrências atávicas, --- foi espantalho-paveia na pradaria 25 de Novembro: alicranços a ressumarem genéticas da Lei Cabral, unguento a escorrer à plateia, a alagoar o ecrã e que me obrigou a saltar, como a meu pai quando, via-Emissora Nacional, Salazar exortou as almas piedosas e crentes: «Temos de combater o comunismo com proselitismos ainda maiores se não queremos ser vencidos», meu pai a exclamar: raio de bilharda! --- plangências e dúvidas, no ontem, a magoarem os hoje: quem em grandes risotas, o Zarapelho, num dos bicos da bilharda, ou Deus, no outro. Que o osso-no-osso jungira canga e molhelhas, o chedeiro, sem travões na rampa de uma qualquer Falperra, a cambulhar a malvar sem fundo. E apeteceu-me, os foliões, do palco e da plateia, numa pavana na Praça de S. Pedro, os anjos sistinos a dedilharem banjos no janelão urbi et orbi e, eu, encostado ao obelisco, a calibrar a mira da pombeira: o leque da escumilha, razia certa no descampado santo. Mas... Pavana sem orquestrador, eu, sem pombeira, chamei em meu socorro o Candid, o Ingénuo, o Pangloss que, filosofando, disse, a vida é seixo de aluvião no instante dos ilogismos naturais. Como a fábula daquela criança que tinha um pai com uma perna de pau e, a quem, um engraxador, pouco mais que criança, todas as manhãs engraxava o borzeguim junto a relógio solar no talhão solarengo, e que o humanismo do dono da perna de pau remunerava como se trabalho, graxa e lustro a dois borzeguins. Pai a ir-se, hora de confraria e ritualismos, filho, sola do sapato na lapa do relógio, a assumir-se juiz: «Dinheiro a graxa por borzeguim que não é, é meu!»

“NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
Geral@casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

- No âmbito das Comemorações do Dia Mundial da Música e do Dia Internacional do Idoso iremos receber a Visita de Sua Excelência, O Presidente da República no dia 1 de Outubro 2016, para assistir a um espetáculo musical no Teatro Armando Cortez, apresentado por Maria Júlia Guerra, com a seguinte programação:
- Nataliya Kuznyetsova (piano) acompanha Jorge Baptista da Silva (voz);
- Viola e voz de Carlos Alberto Moniz;
- No dia 2 de Outubro 2016 (domingo), os Residentes irão assistir ao espetáculo “Filho da Treta”, com os actores José Pedro Gomes e António Machado no Casino de Lisboa, às 17 horas;

Na sala Beatriz Costa:

- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 4 de Outubro (terça-feira), pelas 15 horas;
- Recordar o Poeta Bertolt Brecht, com o grupo de poetas “Poesia no Palácio”, no dia 18 de Outubro 2016 (terça-feira);

No Teatro Armando Cortez:

- A Yellow Star Company apresenta “A Mãe Biológica de Marilyn Monroe”, a partir do dia 12 de Outubro 2016, com as actrizes Maria Emília Correia, Núria Madruga e Sara Salgado, com encenação de Paulo Sousa Costa.